

REVISTA THEATRAL

3.^a Serie — Anno II

Lisboa, 1 de janeiro de 1896

2.^o Vol. — Num. 25

O NOSSO SEGUNDO VOLUME

A confiança do publico é a auctoridade da critica.

FRANCISQUE SARCEY.

Julio Cesar Machado perguntou-nos um dia por que extraordinario artificio conseguíamos nós viver bem com a gente de theatro dizendo d'ella strictamente a verdade que quasi sempre lhe é desagradavel.

A verdade — elle o disse.

A verdade é justamente o nosso unico meio.

E conseguindo não nos affastarmos d'ella nunca, a justiça e a imparcialidade com que analysamos nos tem trazido a confiança do publico, unico premio a que sempre temos visado e que até agora elle ainda nos não regateou.

Prova-o o entrarmos hoje n'um novo volume (o 3.^o, contando com o da 1.^a serie apparecido ha dez annos) a que ainda nenhuma publicação d'este genero attingiu entre nós.

Obedecendo sempre ao nosso programma reconhecemos, gratos, o favor do publico e, tendo procurado continuamente melhorar as condições litterarias e materiaes do nosso periodico, nem por isso deixaremos de envidar os nossos mais ardentés esforços para que esses melhoramentos mais e mais se accentuem.

A Empreza.



REVISTA DOS THEATROS

THEATRO DE S. CARLOS ¹

AIDA, MEPHISTOPHELES E RIGOLETTO

Temos já aberto o theatro lyrico. Não pretendo alvixaras pela noticia; os jornaes do dia de Natal, dia seguinte ao da inauguração de S. Carlos, já lhes disseram que o theatro abriu com a *Aida*, e que a execução, se não foi de molde a satisfazer os mais exigentes, deixou, comtudo, menos mal impressionada a maioria do publico, que a ella concorreu.

Estrearam-se na *Aida*, a soprano, sr.^a Bonaplata, a meio soprano, sr.^a Santarelli, e os srs. Verner, tenor, Modesti, barytono, e reapareceu o baixo, sr. Lanzoni. A sr.^a Bonaplata pode-se chamar, sem favor, uma boa artista.

Voz bastante, extensa e agradável e cantora afinada, de execução segura, sabendo bem o que faz. Mais intensidade d'expressão no que interpréta, um bocado mais de fibra, um pouco de calor communicativo e o publico, em massa, teria que applaudir uma grande cantora. Assim, limitemo-nos a consideral-a uma cantora correcta, o que já não é mau nos tempos que vão correndo. Com o tenor Verner foi a natureza menos prodiga na voz com que o dotou.

Não é igual, nem de timbre a que o ouvido facilmente se affeição, nem se recommenda por mal-leavel. Entretanto, o registo agudo é brilhante, e d'elle teria o sr. Verner tirado maior partido no duetto e final do 3.^o acto, se o tivesse poupado mais no *concertante* do 2.^o acto. Diz com alma, com convicção, e cantou muito rasoavelmente a *romanza* do 1.^o acto. O que me pareceu altamente censuravel foi a maneira como disse o vigoroso

recitativo: *Se quel guerrierio fossi!* Ouvindo o sr. Verner pronunciar as palavras tão exaggeradamente destacadas umas das outras, dir-se-hia que Ghislanzoni, que foi um tanto esturdio, teria tido a ideia extravagante de pôr um ponto final entre cada palavra do recitativo.

Quanto aos artistas encarregados respectivamente da parte de protagonista e de *Radamès* já tive a honra de lh'os apresentar; quanto á sr.^a Santarelli, que personificou a ciosa *Anneris*, pouco ha a dizer: não tem voz, nem forças para fardo tão pesado, como é a parte de meio soprano da *Aida*. Cantor de voz potente e sã é o sr. Modesti; *ma dei più modesti* no que respeita aos recursos artisticos.

Bem, o sr. Lanzoni, no papel de *Ramsis*.

O maior quinhão d'applausos coube ao maestro Goula, que dirigiu toda a opera com proficiencia e, em especial, o *concertante* do 2.^o acto, que foi perfeitamente executado.

Córos, regulares. Só o que esteve muito abaixo de regular foram as flautas no 2.^o quadro da opera, no bailado das sacerdotizas. Além de desunidas, a forma irregular como foram executados os trillos não abonou o mecanismo dos instrumentistas.

*

A coincidência de duas *premières* na mesma noite determinou que muita gente, que não costuma faltar em S. Carlos a opera nova, preferisse á primeira do *Mephistopheles* a da *Dor suprema* no theatro de D. Maria.

Bem avizado andou quem optou pelo espectáculo de declamação porque evitou assim assistir a uma recita, na qual predominaram as manifestações de reprovação, o que, por mim o julgo, é sempre desagradavel presenciar. Custa sempre ouvir patear um artista quando se comprehende que elle está envidando todos os esforços para satisfazer quem para com elle é desamavel. Mas tambem força é confessar que um theatro com as tradições de S. Carlos não deve servir de degrau a principiantes. Para quem começa ha tambem, em Lisboa, casas d'espectaculo; e sem querer falar nos circos, temos, por exemplo, o D. Amelia, que, pela sua boa acustica, se presta a que n'elle se cante opera. Ahi, sim, ahi estavam o tenor Perez e a soprano Laura Fabia em theatro sem pergaminhos, respirando outra atmosphera, que não é a de S. Carlos, e lá, mais á vontade, mais senhores de si e do publico, creio que seriam até applaudidos. Agora em S. Carlos, a coisa é diferente; só por milagre o sr. Perez se salva, desafiando a miude e com o seu peculiar systema de cantar alternadamente um *forte* e outro *piano*; e só por graça esp. se salva a sr.^a Laura Fabia cantando a mêdo, com os olhos cravados na batuta do regente, e cantando as phrases musicas sem vislumbrações de con-

¹ EL ENCO: = *Directores d'orchestra*: Goula, Giovanni e Pintorno Vincenzo. — *Maestro de córos*: Giusti Giusto. — *Sopranos*: Darclée Haricléé, Bonaplata-Bau Carmen, Labia Fausta, Stromfel Kiamsinska Alessandrina, Bignard Lina. — *Meios sopranos contraltos*: Santarelli Amedea, Zaver. — *Primeiros tenores*: Marconi Francesco, Perez Gerardo, Verner Alberto. — *Primeiros barytonos*: Blanchard Ramone, Modesti Antonio. — *Primeiros baixos*: Lanzoni Dubois Francesco, Rinaldi Egisto. — *Dama comprimaria*: Castiglini Carolina. — *Tenores comprimarios*: Roiz Giuseppe, Blanquer Bernardino. — *Directores de scena*: Magnani Luigi, Salarick Eugenio. — *Scenographos*: Manini Luigi, Samarama Angelo. — *Ponto*: Frangiolini Giuseppe. — *Agentes*: Fano Alessandro, Zapperti Francesco. — A orchestra é composta de 60 professores; os córos de 50 coristas e a banda marcial de 30 executantes. O corpo de baile é composto de 16 bailarinas.

cia, poderia obter dos espectadores acolhimento sympathico.

Nenhum d'estes reparos posso fazer ao baixo Lanzoni, o interprete da parte de protagonista, a qual demanda voz poderosa e extensa. A que o sr. Lanzoni possui, se bem que trémula, é afinada e satisfaz a ambos os requisitos. Ha, porém, alguma cousa mais, dispensavel em papeis como o de *Ramsis* e muitos outros, mas imprescindivel no de *Mephistopheles*. E' ser além de cantor, tambem actor.

Emquanto o sr. Lanzoni nos appareceu entre nuvens, envolto em ampla capa, não se salientou essa insufficiencia na representação de personagem; mas quando, mais tarde, na alcova de *Fausto*, em vez de se nos apresentar um *Mephistopheles* elegante no seu fino *maillot* de seda, pequeno gorro com a *aigrette* oscillante, com a sinistra apoiada em longa espada, de corpo magro e flexivel, pisar subtil, sorriso sarcastico, olhar de aguia friamente ironico, gesto levantado; enfim, todo esse conjuncto de factores diversos que faz que essa figura typica nos dê a sensação do sobrenatural, e que o pincel de Eugène Delacroix fixou na tela para ensinamento de todo o artista, que tenha de a representar—quando em vez de se nos apresentar, repito, um *Mephisto* elegante, nós vimos apparecer *sir John Falstaff* em traje mephistophelico e com gesticulação japoneza. . .

Emfim, o sr. Lanzoni salvou-se; salvaram-no as duas oitavas da sua voz robusta e afinada.

E basta de *Mephistopheles*, que só teve de bom a execução do prologo.

*

Talvez porque o publico ainda estivesse sob a má impressão do *Mephistopheles*, na primeira recita do *Rigoletto* houve uma sobriedade de applausos devéras para extranhar em *dilletanti* tanta vez dispostos para desperdiçar manifestações de agrado. Sem ir mais longe, ainda me lembra na epocha anterior ter visto palmear muita musica que o *divo* Masini estragou. Pois não era favor conferir ao tenor Marconi, que se estreou no papel de *Duque de Mantua*, porção de palmas igual á que se dispensou a Masini; porque, comquanto o sr. Marconi já não esteja no apogeu da sua carreira, é ainda artista distincto entre os distinctos.

Como succede com quasi todas as celebridades artisticas precede-o tambem a sua lenda. Diz-se que tem noutes, em que por indisposição repentina o seu trabalho não corresponde á fama que desfructa. Terá; ao numero d'essas, porém, não pertence a primeira em que elle se fez ouvir em Lisboa. A voz já não tem a frescura, que se lhe devèa notar no seu periodo florescente, acontece até ás vezes sahirem veladas algumas notas; mas é ainda agradavel, e de volume e extensão sufficientes para dar logar a que o seu possuidor

se revêle cantor primoroso. Porque se o verdadeiro merito do cantor reside em conduzir a voz segundo os preceitos do bom methodo de canto, de fôrma que nunca a force; em que o artista saiba manter em perfeito equilibrio a intenção das palavras com o sentido da phrase musical, de maneira que a dicção, por ser natural, não prejudique a linha melodica do trecho; e em que não altere, para armar ao effeito, o texto musical, revestindo-o de arrebiques, tantas vezes em desaccordo com a expressão que o caracteriza; se n'isto consiste a arte de cantar, o sr. Marconi é um cantor notavel, porque n'elle encontrei todos estes predicados. Só se me figurou sujeito á critica o emprego d'uns *pianissimos*, que não percebe a que proposito se succedam inopinadamente a phrases cantadas com a natural intensidade da voz. Um dos pontos da execução da sua parte, em que isso mais se me fez sentir foi na aria: *Parmi veder le lagrime*, trecho este que ha muitos annos se não ouvia em S. Carlos.

Estreiou-se tambem no *Rigoletto* a soprano ligeiro, sr.^a Strompfeld Klamsinka, que não captivou ninguem. A voz, um tanto pesada, pareceu ás vezes sem consistencia, por mal emittida; a afinação nem sempre abundou; na aria: *Caro nome*, por exemplo, mais d'uma vez se fez sentir pela ausencia; e as passagens d'agilidade, atacadas sem firmeza sahiram, em grande parte, incorrectas. Sem embargo, a sr.^a Strompfeld não se pode considerar uma principiante, e quando, livre dos sobresaltos d'uma estreia, cantar a sangue frio, creio que haverá occasiões em que se faça applaudir com justiça. Cantou a parte de protagonista da opera o sr. Modesti. Muito intencionalmente escrevi cantou, e não interpretou ou desempenhou, porque encarando-o simplesmente como cantor ainda poderei dizer que a par de phrases mal rematadas e d'interpretação errada, outras houve que o sr. Modesti com uma voz realmente impagavel, disse com mimo e sentimento, sobretudo no 2.^o acto no duetto com a soprano.

A sr.^a Zaver deu-nos uma *Magdalena* discreta, e o sr. Lanzoni um bom *Sparafucile*.

Na orchestra houve digno de registo o solo de oboé, que foi bem tocado, e a fôrma incorrecta como o cornetim *dobrou* a melodia da *caballetta* do barytono, permitindo-se uma execução *ad libitum*, quando lhe cumpria seguir o cantor, tanto quanto pudesse.

Pelo que respeita ao maestro Goula tambem extranhei, e muito, que o distincto regente, dando a vida por contrastes de som e de andamentos, desprezasse todo o effeito que Verdi quiz tirar do contraste do andamento grave e solemne do preludio da opera, com o de *allegro con brio*, ao som do qual o panno se levanta, apressando immenso os ultimos compassos do preludio sem razão justificada Isto com a mesma franqueza com que devo cumprimen-

tal-o pela serenidade e sangue frio de que deu prova quando o tenor em fins do *quartetto*, talvez por distracção, saltou meio compasso, do que poderia resultar um naufragio, se o timoneiro que estava ao leme não soubesse a valer do seu mister.

A. M.

THEATRO DE D. MARIA II

27 de Dezembro

DOR SUPREMA¹

Peça em 3 actos, original do sr. Marcellino Mesquita.

FIM DE PENITENCIA

Peça em 1 acto, original do mesmo auctor²

A peça que actualmente figura no cartaz de D. Maria não é um drama, e mais ainda, não é uma obra de theatro. Para ser drama falta-lhe o conflicto de paixões ou de sentimentos, para ser obra de theatro falta-lhe o movimento, a acção, o interesse emfim, que prenda a attenção do espectador. *Dôr Suprema* é a narração d'um factio lugubre muito bem observado da vida real, quero crel-o, mas sem a menor qualidade scenica.

O auctor descreve-nos em tres quadros o martyrio de dois entes que, vencidos pela fatalidade, põem termo ao seu soffrimento suicidando-se por asphyxia. Mas ao mesmo tempo que pormenorisa com grandes minucias de descripção o factio banal do suicidio, esquece-se de que no theatro não são as consequencias que interessam o publico mas sim as causas, a analyse dos sentimentos e dos caracteres, o conflicto d'esses sentimentos nas almas dos personagens.

Ora os dois principaes personagens do conto do sr. Marcellino Mesquita não são susceptiveis de evolução. Na primeira scena, que é todo o primeiro acto, vemol-os como ambos hão de ser até ao fim. A morte da filha, uma creança de poucos annos que extremeciam, anniquila-os, tira-lhes a energia moral, e quando o panno cae n'esse primeiro acto está cumprido o unico movimento dos seus caracteres. Esta situação é a do 2.^o acto da *Musotte*: mas Guy de Maupassant soube tirar d'ella outros effeitos pela simplicidade dos meios, todos elles theatraes, sem recorrer á minucia do detalhe em que o sr. Marcellino Mesquita parece fazer consistir toda a sciencia theatral.

Aos personagens da peça portugueza logo no

¹ DISTRIBUIÇÃO : = Antonio: João Rosa.—Miguel: Mello.—O doutor: A. Santos.—Julia: Virginia.—Uma senhora: Bresd'lind.—Uma creada: Delphina.

² DISTRIBUIÇÃO : = A mãe: A. Cordeiro.—A filha: Laura Cruz.—O noivo: H. Alves.—Um creado: Lagos.

primeiro acto fallece a sensação da vida moral: ficam dois entes inertes. Ella debate-se em ataques hystericos, elle agita-se espavorido, sem acção e sem forças proprias, incapaz de sentir e de pensar. Vem a miseria com o seu cortejo d'horrores. Sempre esmagados pela dôr, elles sentem que a morte se aproxima pela fome e para abreviarem o supplicio, recorrem ao fogareiro.

Eis contado o assumpto. Mas collocar dois personagens n'uma situação sem sahida ou impellil-os para uma solução prevista e fatal, não é fazer uma peça; é pelo contrario, fugir a todas as difficuldades, torneando-as sem as vencer.

Todo o drama suppõe um conflicto de paixões ou de sentimentos. Em *Dôr Suprema* o auctor accumula pormenores sobre pormenores para nos convencer da fidelidade da sua observação, mas não avança um passo. E' sempre a mesma coisa e acaba por se tornar fatigante.

De fórma que a peça opprime sem commover, e o publico sae do theatro perguntando a si mesmo qual foi a intenção do auctor, o que quiz elle provar na sua obra, a que conclusão imaginou chegar quando a escreveu.

Que a morte do filho é a maior dôr que podem soffrer os paes? Forte novidade, e valia bem a pena escrever tres actos para o provar!

Que a morte é o unico recurso quando se não tem coragem para soffrer? Poderia ser, se elle armasse os seus personagens com a força precisa para reagirem.

Só então, quando ao cabo da lucha cahissem exhaustos, a nossa commiserção poderia desculpal-os, quando vissemos que exgotados os ultimos recursos, nada mais lhes restava a fazer. Mas Antonio e Julia não tentam a lucha por um instante sequer. A desgraça encontra-os inertes.

O drama estava no esforço d'estas duas creaturas contra a adversidade: o interesse dramatico residirá na analyse d'essas duas almas, na expectativa da reacção, na curiosidade do que ellas poderão sentir. O auctor responde-nos: um profundo desalento.

E toda a psychologia da peça reside n'isto: são dois desalentados.

Eu ainda cheguei a suppôr, quando no ultimo acto, depois de preparado o fogareiro e calafetadas as janellas, Julia começa a resar e o marido ajoelha a seu lado, que o auctor ia fazer operar um reviramento n'aquelles dois caracteres, e que da explosão de chôro sahiria uma reacção salutar. Esperava que, ambos fortalecidos pela oração, apagassem o lume, abrissem as janellas e renascessem para a vida, cobrando novo alento para a lucha...

Seria um bello reviramento esse, e que formoso *couplet* um auctor dramatico saberia arranjar das entranhas d'uma situação tão inesperada como commovente, e como eu applaudiria o sr. Marcellino Mesquita por essa scena grandiosa em logar de o censurar aqui, profundamente ir-

ritado, pela sensação de desgosto que a sua obra me causou.

Mas infelizmente para a carreira da peça e para nós, o auctor não o entendeu assim e *Dôr Suprema* termina pela morte dos dois personagens.

O desempenho d'esta peça foi primoroso. Ha muito que não vejo duas interpretações tão completas como as que João Rosa e Virginia deram aos personagens de que se incumbiram. E a par d'elles, Mello, no papel de senhorio, uma pequena *rabula* de meia duzia de palavras no ultimo acto, Bresd'lind em outra *rabula* do segundo, Delphina, a creada, e Santos, o medico, no primeiro, completaram um conjuncto que se pode dizer dos mais perfeitos que temos visto em D. Maria.

Fim de penitencia é um pequeno acto em que se apresenta um assumpto que dava para tres. O auctor limitou-se a esboçal-o, os actores fizeram o mesmo e a peça passou sem protesto.

COLLARES PEREIRA.

THEATRO DO GYMNASIO

21 de Dezembro

AMOR... E BANHOS DE CHUVA¹

Comedia em 3 actos de Jeronymo Mariani e Achilles Tedeschi
tradução de Pin-Sel

A CARTEIRA²

Comedia em 1 acto, imitação do sr. Leopoldo de Carvalho

N'uma estação de banhos, em Italia — em Montespino, para precisar — acham-se reunidos varios doentes. Compõem uma pequenina colonia de gente conhecida, que passa alegremente os seus dias entre os exercicios hygienicos no salão do estabelecimento, os passeios ao campo e as digressões á montanha. Reina a melhor harmonia entre os *habitués* da estação thermal: nas senhoras entreteem-se n'um *papotage* inoffensivo, os homens occupam-se de politica, attentos e sollicitos aos desejos das respectivas consortes.

¹ PERSONAGENS: — Paschoal Tromboni: Cardoso. — Adolfo Seriani: Telmo. — André Sattini, engenheiro: Eloy. — Carlini, tenente: Ignacio. — Doutor Alberti: Ferreira. — Zofino Pescadini, dono do hotel: Baptista. — Chrysostomo Polygloto Caturrini: Sarmiento. — Um creado: N. N. — Adriana Albani: Beatriz. — D. Romana Tromboni: Barbara. — D. Julia: Juliana. — D. Laura, mulher de André: J. Saraiva.

² PERSONAGENS: — Bonifacio: M. Franco. — Rodrigo: Ignacio. — O Doutor: Sarmiento. — Josephina: Juliana. — Catharina, creada: Adelia.

No meio d'esta serena paz, cae de repente uma mulher bella, elegante e espirituosa. E' uma dama que viaja só, que se apresenta no hotel sem que ninguem saiba quem é, e que n'um momento dá volta ao miolo de todos os individuos do sexo forte em tratamento na estação de Montespino. Passa a ser um inferno, durante dois actos, a socegada estancia. Por fim, sabe-se que a dama vem ao encontro do marido, e que não declarou logo quem era e a que vinha porque a isso se oppunham varias razões que seria muito longo ennumerar — e que aliás na peça não são claramente explicadas.

Parece que o marido seria desherdado por um tio riquissimo e libertino se se casasse. E' esta a razão porque occultam o seu casamento. Como, porém, elle o declara a toda a gente no fim do terceiro acto, não vejo razão para que o não faça um pouco mais cedo, evitando assim os maus juizos a que a conducta da mulher se presta. Mas a comedia tem de acabar no terceiro acto e se ambos procedessem d'outra fórmula acabava logo no fim do primeiro.

Eis o que explica o silencio do cavalheiro em questão e da sua esposa e o que justifica o compromisso da peça *Amor... e banhos de chuva*.

Hão de perguntar-me agora porque motivo é que o titulo italiano *Passagio di Venere* que expõe tão claramente a intenção dos auctores — porque é a *Passagem de Venus* que obscurece por momentos o sol até então radiante em Montespino, ou ainda a deusa Venus quem traz o desasocego áquelle Olympo italiano, se preferem a comparação mythologica á astronomica — foi transformado aqui em *Amor... e banhos de chuva*, que não diz absolutamente nada e trans-torna completamente a ideia primeira da peça?

A essa pergunta indiscreta eu tenho de confessar que não sei responder. Consola-me porém a ideia de que qualquer outro no meu logar não acharia tambem facil explicação, e a isso devo não estar desesperado a esta hora depois de ter procurado inutilmente uma solução a tal problema.

Fiquemos pois em que *Amor... e banhos de chuva* é uma comedia pouco mais do que insipida, com um desempenho pouco menos do que vulgar e que o theatro do Gymnasio fará bem em renovar o seu cartaz.

Dos actores nenhum se salienta, e das actrizes tambem não ha que dizer bem.

Barbara n'um papel incomparavelmente inferior ao seu merecimento não teve uma scena em que podesse brilhar; Beatriz soffreu a mesma sorte, e Jesuina Saraiva e Juliana disseram os papelinhos que sabiam de cór.

Dos homens é Cardoso quem tem o papel principal. Fel-o muito carregado, a traços grossos, como imaginou que era. Enganou-se desde o começo, mas sustentou-o sempre na linha em que o imaginou, o que já não é pequeno merito.

Telmo, Eloy, Ignacio e Alves, este ultimo en-

carregado á ultima hora de substituir o seu collega Sarmiento no professor de volapuck, levaram ao fim as suas tarefas sem impedimento de maior.

E' inutil insistir mais n'uma peça que evidentemente não está destinada a longa carreira; não me dispenseo entretanto de fazer uma observação que pode servir para mais vezes. A acção de *Amor e banhos de chuva* decorre n'uma estação d'aguas e occupa o espaço de um dia. Ora tanto os actores como as actrizes que no primeiro acto se acham no salão do estabelecimento hydrotherapico fazendo exercicios gymnasticos, esgrimindo, etc., em *toilettes* de manhã, conservam-se durante todo o dia vestidos do mesmo modo e nenhum d'elles e nenhuma d'ellas se lembra de que é da mais vulgar conveniencia mudar de fato para jantar.

No salão d'aquelle hotel, os homens conservam o chapéu na cabeça quando são apresentados ás senhoras, estas não dão por tal grosseria e o gerente do estabelecimento não larga um casaquinho de linho com que apparece em toda a peça. Eu não conheço Montespino e não sei por consequencia se na ordem de importancia como estação de banhos está inferior ou superior a Pedrouços, mas seja como fôr é preciso que os actores se dêem ao trabalho de observar o meio que são chamados a reproduzir e que não concorram, como agora, para nos fazer suppor que ignoram os mais elementares preceitos da vida de sociedade.

A *Carteira* é uma farça *de fechar*, que foi a *abrir* na noite da primeira representação, e agora ainda, creio eu. Não tem pés nem cabeça e ia a afundar-se irremediavelmente pelo buraco do ponto, quando o actor Ignacio n'um papel tão disparatado como todos os outros, conseguiu despertar o bom humor da platea. O publico gostou de ver um sujeito muito nervoso, que entra n'uma casa onde o tomam por medico, trepa pelas cadeiras, e acaba por tirar o casaco afim de comparar os seus suspensorios com os do seu cliente (parece que estou a inventar, mas palavra d'honra que é o que lá está) e fez uma chamada ao actor, que nunca podia ter esperado semelhante triumpho.

Está muito bem. Simplesmente eu peço ao actor Ignacio que não se admire, quando algum dia fizer um papel que lhe dê trabalho a estudar e a compôr, se o publico lh'o não recompensar. Explica-se tão facilmente isso como esta chamada especial com que elle o distinguuiu na *Carteira*.

Entretanto o facto é que ao actor Ignacio se deveu a salvação da comedia, pelo que a empresa tem de dar um bom cyrio ao santo da sua devoção.

COLLAES PEREIRA.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

20 de Dezembro

DEMI-MONDE ¹

Comedia em 5 actos, de Alexandre Dumas, filho.

Tendo feito, ainda não ha muito tempo, um longo estudo sobre o theatro de Dumas filho, dispenseo-me agora de largas considerações tendentes a provar que *Demi-Monde* é uma das obras primas do theatro contemporaneo. De resto, a peça é entre nós demasiado conhecida pelas variadas interpretações que tem soffrido e não será esta ultima a que maior gloria lhe acarretará. A empresa do Rua dos Condes declarou, por via da imprensa, que a concorrência das companhias estrangeiras não lhe causa damno algum. Esta declaração pôe-me á vontade. Ora se a dita empresa se julga em pleno direito de se fazer pomposo *réclame* com peças de renome, obrigando o publico que espera sentir algum prazer ao vel-as, a esportular um dinheirão como se se tratasse d'um theatro em termos—eu tenho ainda maior direito de protestar contra grotescas exhibições, tão grotescas que nem mesmo sei o castigo que merecem,—se o desprezo, se o assobio. E não me venham com a desculpa de que a companhia é formada por debutantes visto que, n'este caso especial, a estrella da *troupe* foi exactamente quem maior empenho mostrou em sacrificar um papel, falseiando-o, accrescentando-o, annotando-o tão disparatadamente, que ás vezes me veio á idéa que ella, apoz a receita garantida, estava mangando com a tropa! E como se dê o facto de, em tempos idos, ter-se dito e escripto que Lucinda Simões encontrára em Suzanne d'Ange o seu melhor papel, eu fico de bocca aberta, a perguntar qual será o peor e em que bases se funda esta reputação que ha annos vejo apregoada para engodo de pacovios. Aparte, no quarto acto, o rapido momento em que Suzanne d'Ange impede a descoberta da carta, todo o correr da representação foi um desastre monumental para a actriz-empresaria: porque ella não soube imprimir á figura o tom fidalgo que lhe é proprio, desmanchando-a a cada instante com attitudes baixas de *cocotte* infimamente cotada, gestos de lavadeira e intenções por tal forma carregadas, que é da gente perguntar a si mesmo quem se

¹ DISTRIBUIÇÃO: — *Olivier de Jalin*: Christiano de Souza. — *Raymundo de Nanjac*: Carlos d'Oliveira. — *Marquez de Thomerins*: Setta da Silva. — *Hippolyto Richond*: Pereira da Silva. — *1.º creado*: Cesar Marqués. — *2.º creado*: Correia. — *3.º creado*: A. Silva. — *Viscondessa de Vernières*: Isabel Berardi. — *Senhora de Santis*: Lucilia Simões. — *Marcellina*: Amelia Pereira. — *Creada*: Adelina Silva. — *Suzanna, baroneza d'Ange*: Lucinda Simões.

A acção passa-se em Paris.

poderia enganar com tal creatura — quando a verdade é que Suzanne d'Ange é uma mulher que occulta sob apparencias de inequalavel distincção as manhas e os *trucs* da inclassificada que pretende reconquistar uma posição e é de tal sorte correcta e insinuante e prudente e arteira, que o proprio de Jalin a ama, embora no fundo a conheça.

E tendo assim tomado severas contas á actriz que mostrou tão pouco cuidado em interpretar o personagem, tenho ainda de as pedir, mais severas, á empregaria que foi buscar uma das grandes obras d'este tempo para com o titulo enganar o publico, visto que ella sabia muito bem não ter na sua companhia quem de leve sequer podesse esboçar um dos personagens.

Se ella contou para isso com o appoio incondicional da imprensa, demasiado prompta a applaudir todas as artimanhas para não perder o bilheteinho gracioso — caiba-me a gloria de informar o publico, como é meu dever de consciencia, que no Rua dos Condes não se faz arte, como parece deduzir-se dos complicados *réclames* e do phantastico reportorio, mas faz-se especulação e especulação de que o mesmo publico se arrisca a ser cumplice se a breve trecho se não pozer no seu logar.

Já aqui mesmo se pediu policia para um dos theatros da capital — não me obriguem tambem a ir requisitar a secreta para a collocar á porta do Rua dos Condes e garantir assim o respeito que se deve aos mortos illustres.

GARCIA DE MIRANDA.

THEATRO D. AMELIA

14 de Dezembro

Estreia da companhia hespanhola de zarzuela de D. Juan Cubas ¹

A companhia é, como a maior parte das que veem para este theatro, má.

Exceptuaremos a ultima que ali funcionou, uma das melhores cousas que cá nos tem vindo. Esta aggregou entretanto a ella duas artistas de merecimento, as *sñrt.*^{as} Tejera e Pretel, a pri

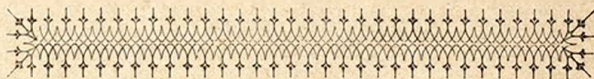
¹ EL ENCO: == *Director*: Juan Cubas. — *Primeiras tipes*: Mathilde Pretel, Concepcion Cubas, Carmen Tejada, Josefina Alcazar, Magdalena Delgado. — *Segunda tiple*: Lucia Assuna. — *Caracteristica*: Ramona Sevilla. — *Primeiro tenor*: Juan Rihuet. — *Primeiro baritono*: Ramon Mendizabal. — *Primeiro actor e tenor comico*: Angel Gonzalez. — *Baixos comicos*: Francisco Povedano, José Hidalgo. — *Actores genericos*: Eugenio Casals, Nicolas Galan. — *Partiquinos*: Leonor Delgado, Rosario Mata, Dolores Gandulla, Consuelo Sanchez, Vicente Paezo, Antonio Navas, Juan Giner, Antonio Peinafor. — *Maestros directores e concertadores*: Mariano Linañ, José Marin. — *Pontos*: Carlos Garcia, Pedro Gomez. — *Director do corpo de baile*: Vicente Moreno. — *Primeira bailarina*: Amaro Barber. — Trinta coristas de ambos os sexos — Doze bailarinas.

meira de possante voz e a segunda graciosa e interessante mas que luctam no meio de outros elementos de ordem inferior e que não sabem corresponder-lhes. A companhia tem sido acolhida friamente mau grado a enorme *claque* que este theatro paga permanentemente.



EPHEMERIDES DO MEZ DE DEZEMBRO DE 1895

- 2 — **Theatro do Gymnasió** — *Diã a caldeira á certã...*, comedia em um acto, original do sr. Raphael Ferreira.
- 3 — **Theatro D. Amelia** — Estreia da companhia russa.
- 7 — **Theatro do Principe Real** — Primeira representação n'este theatro de *Igneg de Castro*, drama historico em 5 actos, original do sr. Maximiliano d'Azevedo. Pag. 379 do 1.º vol.
- 10 — **Theatro da Trindade** — *A Russinha*, vaudeville em 3 actos de Meilhac, Halevy e Millaud, musica de Hervé, Lecoq e M. Boullard, traducção do sr. Machado Corrêa. Pag. 378 do 1.º vol.
- 14 — **Theatro D. Amelia** — Estreia da companhia de zarzuela dirigida por D. Juan Cubas. Pag. 7 do 2.º vol.
- 20 — **Theatro da Rua dos Condes** — Primeira representação n'este theatro de *Demu-Monde*, comedia em 5 actos de Alexandre Dumas, filho. Pag. 6 do 2.º vol.
- 21 — **Theatro do Gymnasio** — *Amor... e banhos de chuva*, comedia em 3 actos de Tedeschi e traducção de Pin-Sel. *A Carteira*, comedia em um acto, arranjo de Leopoldo de Carvalho. Beneficio do actor Cardoso. Pag. 5 do 2.º vol.
- 25 — **Theatro do Principe Real** — *Reprise de Miguel Strogoff*, drama em 5 actos de D'Ennery e Jules Verne, traducção do sr. Moura Cabral.
- 27 — **Theatro de D. Maria II** — *Dór Suprema*, peça em 3 actos, original do sr. Marcellino Mesquita. *Fim de Penitencia*, comedia em um acto, original do sr. Marcellino Mesquita. Pag. 4 do 2.º vol.



QUESTÕES DO DIA

UMA CAMPANHA

AS COMPANHIAS ESTRANGEIRAS

XI

(e continúa)

.....
34.º — Companhia lyrica para o theatro de S. Carlos.
.....

(e continuar-se-ha)

ACTA DA 2.^a REUNIÃO PREPARATORIA

Aos 13 dias do mez de dezembro de 1895 pelas 3 horas da tarde, estando reunidos na sala da redacção da *Revista Theatral*, rua Nova do Carmo n.º 76 2.º andar, os srs. Abel Botelho (*Reporter*), Adriano Merêa, Alfredo Gallis (*Universal*), Antonio Duarte da Cruz Pinto (*Seculo*), Arthur Brandão (*Critica*), Augusto Antunes, Augusto de Lacerda, Augusto Rosa, Augusto São Boaventura (*Gazeta*), Carlos Borges, Carlos Posser, Collares Pereira (*Revista Theatral*), Eduardo Brazão, Guiomar Torrezão (D.) (*Diario Illustrado*), João da Camara (D.), João Rosa, Joaquim d'Almeida, Joaquim Miranda (*Revista Theatral*), Lara Everard (*Jornal do Commercio*), Lino d'Assumpção, Lopes de Mendonça, Maximiliano d'Azevedo, Mello Barreto (*Novidades*), Moura Cabral, Rangel de Lima Junior, Salvador Marques, Silva Pereira, Souza Vieira (*Tempo*), Thomaz d'Almeida (D.), Visconde de S. Boaventura (*Correio da Manhã*), e Garcia de Miranda, assumiu a presidencia o sr. Lopes de Mendonça secretariado pelos srs. Mello Barreto e Garcia de Miranda.

Foram convidados e não compareceram nem se escusaram os srs. Antonio de Campos Junior, Augusto Mello, *Correio da Noite*, *Dia*, *Diario Popular*, Eduardo Coelho Junior, Eduardo Garrido, Eduardo Schwalbach, *Folha do Povo*, José Joaquim Pinto, Lorjô Tavares, Marcellino Mesquita, *Paiz*, Rangel de Lima, e *Vanguarda*.

Lida a acta da sessão anterior, que foi approvada, passou-se á leitura da seguinte correspondencia:

*
Meu Caro Amigo

E' a hora mais preza nos meus trabalhos ordinarios o que me impede de acceder ao seu amavel convite.

Felizmente a minha falta não será sentida.

Peço-lhe que me desculpe com os seus collegas e conte com os poucos serviços que posso fazer n'esta velha e complicada questão.

Seu am.º att.º ven.º
Lisboa, 13—12—95.

Joaquim Tello.

*
Ex.ºs Srs.

Accuso a recepção da carta convite para assistir á reunião que se deve effectuar hoje na redacção da *Revista Theatral*, e sinto não poder satisfazer os desejos de v. ex.ª pelos meus muitos affazeres.

De V. Ex.ª
Lisboa, 13—12—95. att.º ven.º Obg.º,

J. A. do Valle.

*

O sr. LOPES DE MENDONÇA:—Em vista das suas muitas occupações e porque naturalmente, como relator do projecto de representação ao governo, tinha d'entrar na discussão, pediu que o excusassem da presidencia e nomeassem um substituto, mesmo porque a meza tinha um character provisório que preciso era se definisse.

O sr. ALFREDO GALLIS:—Disse que, interpretando de certo o sentimento de toda a assembléa, pedia ao sr. Lo-

pes de Mendonça que permanecesse, bem como a meza, encarregando-se da direcção dos trabalhos, o que foi resolvido por aclamação, agradecendo o sr. Lopes de Mendonça essa manifestação de sympathia.

O sr. AUGUSTO DE LACERDA:—Pediu que algum dos directores da *Revista Theatral* esclarecesse a que titulo fóra convidado para a 1.ª reunião preparatoria.

O sr. JOAQUIM MIRANDA:—Declarou que a titulo de amigo particular, collaborador da *Revista Theatral* e autor dramático.

O sr. AUGUSTO DE LACERDA:—Agradecendo esta explicação pediu ao sr. Presidente o favor de a consignar na acta.

O sr. COLLARES PEREIRA:—Em nome da *Revista Theatral* e a proposito de alguns reparos sobre os convites para a 1.ª reunião, disse que tendo ella tido um character intimo e particular e tendo-se de commum accordo resolvido assentar no trabalho a fazer antes de convocar uma assembléa que o discutisse para evitar perdas de tempo, apenas tinham sido convidadas as pessoas que mais dispostas estavam a encarregar-se d'esse trabalho preparatorio, base da discussão futura. N'estas circumstancias a falta de convites não implicava para ninguem desconsideração ou proposito de melindrar e isso tinha a *Revista Theatral* muito a peito fosse consignado.

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA:—Como a proposito d'um incidente de que a assembléa não quiz tomar conta se alludisse a um artigo do sr. Ramalho Ortigão, declarou que esse artigo não tinha sido escripto depois da pequena reunião preparatoria de domingo, mas sim já tinha sido publicado em maio d'este anno na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro d'onde agora era transcripto.

O sr. PRESIDENTE:—Disse que, visto acharem se n'esta segunda reunião muitas pessoas que desconheciam os topicos sobre que se deveria basear a representação ao governo, de cuja redacção uma comissão especial se encarregára, lhe parecia que o melhor era, antes de mais nada, ler o projecto já feito d'essa representação, o que mandou fazer pelo 2.º secretario, pondo-o em seguida em discussão¹.

O sr. LARA EVERARD:—Disse que estava ali por delicada attenção para com as pessoas que o tinham convidado para esta reunião, sem saber bem do que vinha tratar, mas que via pelo projecto de representação que acabara de ouvir que a campanha que se projectava contra as companhias estrangeiras visava mais a industria do que a arte theatral. Disse que não ha paridade entre a protecção das mercadorias estrangeiras e o tributo que se possa lançar sobre a arte. Não ha em paiz algum lei que permita o prohibir o exercicio d'uma industria.

O sr. PRESIDENTE:—Interrompeu o orador, para lhe dizer que, como mero esclarecimento, o avisava de que a representação encara o assumpto sob os tres aspectos: artistico, industrial e economico, e para o provar leu alguns trechos da representação.

O ORADOR:—Não lhe parecia que se podesse pedir aos estrangeiros mais do que aos nacionaes e por isso entendia que os estrangeiros deviam pagar a mesma contribuição que os artistas portuguezes e porque a estabelecer-se o contrario o mesmo se devia exigir para as peças que não fossem nacionaes. Tudo o mais era contrario aoCodigo. . . (*O sr. Joaquim Miranda pede a palavra.*) não appoiava, propunha que se pedisse ao governo que tributasse os artistas estrangeiros da mesma forma por que o são os portuguezes e mandava para a mesa a seguinte proposta:

•Proponho que a representação a fazer ao governo tenha unicamente por fim compellir as empresas theatraes e os artistas dramaticos estrangeiros a pagarem a contribuição industrial estabelecida para as respectivas clas-

¹ O projecto de representação foi publicado no numero passado da *Revista Theatral* a pag. 386.

ses, consentindo-se-lhes no emtanto o livre exercicio da sua industria, que o codigo civil lhes permite.

Lisboa, 13—12—95.

Lara Everard.»

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA:—Condenava o colorido dado ao movimento que se iniciou; esse colorido devia ser o de brado de animação ao theatro portuguez e não o de guerra ás companhias estrangeiras. Disse que nem na Hespanha, nem na França, nem na Belgica que é suffocada pela França chegando os jornaes francezes a venderem-se nas gares belgas antes dos nacionaes, ninguem se levantou contra isso... (*Aparte:—Porque a Belgica não tem Theatro seu.*) nem em parte nenhuma do mundo civilisado existem medidas prohibitivas, (*Aparte:—Ninguem pede impostos prohibitivos.*) attinentes aos artistas estrangeiros e que Portugal ficaria sendo a China da Europa se levantasse taes muralhas á arte. Disse mais que o imposto que se pedia na representação não favorecia a unica idéa que podia congregar ali jornalistas, criticos, auctores dramaticos e artistas, a idéa justa e patriótica de erguer o theatro nacional do profundo abatimento em que se acha. Esse imposto, ao qual nem sequer é indicada qualquer applicação relativa á arte dramatica, favorecia tão sómente as empresas theatraes que pelos seus intuitos puramente mercantis não mereciam similhante beneficio, pois se a decadencia do theatro existia era só devida ás empresas. O assumpto é complexo e não chegaria a discutir-se em varias sessões. Propõe que se nomeie uma grande comissão para estudar detidamente e sob todos os pontos de vista a questão theatral, submettendo-se a essa comissão o projecto que fôra lido. Mandou para a meza a seguinte proposta:

«Proponho que a representação apresentada a esta assembléa seja submettida ao estudo de uma comissão, que sobre ella dê parecer.

V. de S. Boaventura,

Redactor do *Correio da Manhã.*»

O sr. JOAQUIM MIRANDA:—Desejava apenas desfazer uma asserção do sr. Lara Everard que lhe parecera erronea. O Codigo Civil Portuguez protege effectivamente o estrangeiro naturalisado em Portugal, mas por isso mesmo que é naturalisado o protege. A sua naturalisação representa o consumo obrigado d'esse individuo no mesmo paiz em que colhe a receita, (*O sr. Lara Everard pede a palavra.*) o que o differença do estrangeiro transitorio que, como o artista dramatico, sempre de mala feita, está sempre prompto a partir com o dinheiro arrecadado sem muitas vezes ter tempo de fazer o mais leve consumo. Isto é o que distancia, a seu vêr, o artista dramatico portuguez do artista dramatico estrangeiro e o artista dramatico estrangeiro de qualquer outro artista manual, estrangeiro tambem, mas que permeneça no nosso paiz.

O sr. D. JOÃO DA CAMARA:—Depois de se ter escusado de não comparecer á primeira reunião, discorreu sobre o theatro em geral, attribuindo uma das fortes causas da sua decadencia ao desnorteamento das empresas, o desnorteamento das empresas ao desnorteamento do publico e o d'este ao da critica, porque ao passo que se eleva ás nuvens um espectáculo de circo, na columna ao lado se visa indifferentemente os dramaturgos e artistas nacionaes, induzindo assim o publico que não sabe estabelecer confrontos a frequentar os Coliseus e a abandonar os Theatros. (*O sr. Antonio Duarte pede a palavra.*) As pessoas interessadas que vão fazer esta representação ao governo, vão pedir uma esmola, porque primeiro deviam cuidar de melhorar a sua arte e em seguida então exigir, e não pedir, o que lhe seja devido.

O sr. CARLOS POSSER:—Começando por declarar que estava ali individualmente e como artista dramatico, titulo a que fôra convidado, achava que a ordem dada aos trabalhos estava invertida, pois mais proprio seria conseguir primeiro a reorganisação do theatro portuguez do

que pedir ao governo um imposto sem nada lhe offerecer em troca, Queria que o theatro normal fosse o apogeu e mira de todos os artistas dramaticos, como antigamente acontecia, em que o actor saído dos theatros mais inferiores ganhava logo um grau de superioridade passando para o Gymnasio e outros theatros, fazendo calar o seu nome no espirito do publico até que sancionado já por elle, chegava, conhecido, ao theatro de D. Maria. Actualmente acontecia que o actor por melhor que fosse, saía inopinadamente de D. Maria para o Rato e vice-versa sem compasso d'espera o que evidentemente prejudicava a arte, porque ao artista não estava garantido nem o seu talento nem o seu futuro. Concordava com o tributo ás companhias estrangeiras mas antes em forma de licença que pagaria o sello respectivo, pois que o tributo era vexatorio e a contribuição que algem tinha aventado impossivel porque estando o artista estrangeiro apenas de passagem não havia tempo, com a morosidade das nossas repartições, de o colher e não se podendo receber no estrangeiro. Mais lhe parecia que se deveria alliviar as companhias de declamação dirigidas por celebridades, e sobrecarregar os circos. Confrontando esta questão com uma que ha pouco se deu entre duas companhias de viação publica, disse que a Camara de Lisboa protegendo uma nem por isso a outra deixou de auferir lucros que lhe teem permitido a concorrência. E que se o Governo protegeu esse antagonismo entre duas companhias nacionaes, mais tem obrigação de proteger interesses nacionaes contra os de estrangeiros.

O sr. LARA EVERARD:—Fazia algumas observações ao que o sr. Joaquim Miranda dissera. O Codigo diz claramente que será protegido como nacional o estrangeiro que resida...

O sr. JOAQUIM MIRANDA:—*Diç* que resida.

O sr. LARA EVERARD:—Que resida *evidentemente*, e os *artistas estrangeiros*...

O sr. JOAQUIM MIRANDA:—*Não* residem, transitam.

O sr. ANTONIO DUARTE:—Disse que estava ali representando *O Seculo*. Respondendo ao que anteriormente o sr. D. João da Camara tinha dito affirmava que não eram os jornaes os verdadeiros culpados do que succedia, mas que a verdade era que os theatros nacionaes é que não chamavam publico pela sua pouca variedade d'espectaculos e por outros motivos.

O sr. RANGEL DE LIMA JUNIOR:—(*Interrompendo*) Disse que *O Seculo* sendo o jornal de maior publicidade prejudicava as companhias portuguezas até antepondo nos annuncios dos espectaculos, ao theatro de D. Maria e aos outros de declamação, o theatro D. Amelia.

O ORADOR:—Respondeu ao sr. Rangel de Lima Junior dizendo as razões que lhe pareciam justificar esse proceder e a sua opinião contra o imposto.

O sr. LARA EVERARD:—Repetiu quasi todo o expellido pelo sr. Antonio Duarte.

O sr. GARCIA DE MIRANDA:—Referindo-se a algumas observações do sr. Lara Everard disse que levantava a questão de não haver critica independente declarando que elle, bem ou mal, fazia a sua critica independente. Declarou-se partidario do imposto completamente prohibitivo.

O sr. D. JOÃO DA CAMARA:—Lembrou a necessidade de se definir o que eram companhias estrangeiras para não se cahir em sophismas. Se eram as de empresario portuguez com artistas estrangeiros, ou só as compostas todas de estrangeiros, porque n'esse caso o director podia arranjar algum portuguez que o representasse.

VOZES:—*Isso é um sophisma.*

O sr. JOAQUIM MIRANDA:—*E' uma questão de redacção.*
O sr. PRESIDENTE:—Parecia-lhe que estavam todos laborando n'um erro pois que a representação que se apresentava não era definitiva mas sim o projecto d'ella a que cada um podia fazer as emendas que lhe parecessem convenientes ou mesmo substitui o todo por outro novo.

O sr. CARLOS POSSER:—Usou de novo da palavra e expoz a sua maneira de ver o assumpto desenvolvendo de novo o que anteriormente dissera, insistindo por que o tributo fosse só imposto aos circos e mais companhias es.

trangeiras isentando-se todavia as verdadeiras celebridades que nos visitassem e que só de nome conhecemos como Mounet-Sully, Rêjane, a Duse...

VOZES: — *Como se pode conhecer uma celebridade?*

O ORADOR: — *Pelo que d'ella dizem os criticos dos jornaes estrangeiros.*

VOZES: — *Ahi está a Duse que é uma cabotine.*

O sr. ANTONIO DUARTE: — Reforçou o que já dissera.

O sr. PRESIDENTE: — Vendo que se girava n'um circulo vicioso e que a hora ia já muito adeantada para qualquer deliberação ou votação decisiva, disse que o melhor seria levantar a sessão que ficaria interrompida até nova convocação, reservando-se a palavra aos oradores inscriptos e sobre a meza as propostas apresentadas.

O sr. AUGUSTO DE LACERDA: — Requeru que se pedisse á redacção da *Revista Theatral* que, aproveitando o granel da composição do ultimo numero da *Revista*, fizesse distribuir, impresso á parte, o projecto da representação que seria enviado a cada um dos assistentes para o estudar.

Assim se resolveu e encerrou-se a sessão.

ACTA DA 3.ª REUNIÃO PREPARATORIA

Aos 16 dias do mez de dezembro de 1895, pelas 3 horas da tarde, estando presentes na sala da *Revista Theatral*, rua do Carmo, 76, 2.º andar, os srs. Adriano Merêa, Antonio Duarte da Cruz Pinto (*Seculo*), Arthur Brandão (*Critica*), Augusto Antunes, Augusto de Lacerda, Augusto Mello, Augusto Rosa, Augusto São Boaventura (*Gazeta*), Carlos Borges, Collares Pereira (*Revista Theatral*), João da Camara (D.), João Rosa, Joaquim d'Almeida, Joaquim Miranda (*Revista Theatral*), José Joaquim Pinto, Lara Everard (*Jornal do Commercio*), Rangel de Lima Junior, Salvador Marques, Thomaz d'Almeida (D.), Visconde de S. Boaventura (*Correio da Manhã*), e Garcia de Miranda, por este ultimo foi declarado que tendo o sr. Presidente, Lopes de Mendonça, avisado de que só mais tarde podia comparecer convidava para assumir a presidencia interina, o sr. D. João da Camara que acceitou tal encargo com approvação da assembléa.

Foram convidados e não compareceram á sessão nem se escusaram os srs. Abel Botelho, *Correio da Noite*, *Dia*, *Diario Popular*, *Diario Illustrado*, Eduardo Brazão, Eduardo Coelho Junior, Eduardo Garrido, Eduardo Schwalbach, *Folha do Povo*, Guiomar Torrezão (D.), Joaquim Tello, Lorjô Tavares, Maximiliano d'Azevedo, Marcellino Mesquita, Moura Cabral, *Paiz*, Rangel de Lima, Souza Vieira, *Tarde e Vanguarda*.

O sr. Carlos Borges declarou que os srs. José Antonio de Valle e Silva Pereira não podiam comparecer e pediam d'isso desculpa.

Igual declaração foi feita pelo sr. Augusto de Lacerda com respeito ao sr. Carlos Posser.

Tomou se conta da seguinte correspondencia pedindo escusa de não comparencia:

*

Meu excellentissimo amigo

Motivos alheios á minha vontade, impedem me de assistir á reunião de hoje. Peço a v. ex.ª que me desculpe e que se digne substituir-me como secretario da meza.

Aproveito o ensejo para manifestar a v. ex.ª o testemu-

nho da minha alta consideração e profundo respeito, e assigno-me

De V. Ex.ª Att.º V.ºr C.º

João de Mello Barreto.

*

Ex.º Sr.

Deveres de serviço official a que não posso faltar, impedem-me de comparecer na reunião d'hoje, cujo fim vivamente me interessa.

Perdõem-me V. Ex.ª por me não ser dado corresponder d'outra forma, como era desejo meu, á honra amabilissima do seu convite.

Faço votos fervorosos pelo bom exito de um empreendimento, em que estão empenhadas tantas iniciativas devotadissimas e algumas das individualidades mais brilhantes da litteratura e do theatro contemporaneo d'este paiz.

De V. Ex.ª

Creado att.º sincero admirador

Lisboa, 16-6-95.

Antonio de Campos Junior.

*

Ex.º Sr.

Tendo recebido agora (4 horas e 25 minutos da tarde) o amavel convite de V. Ex.ª, este facto determina a minha não comparencia na assembléa que V. Ex.ª tão superiormente dirige porquanto é demasiado tarde para abandonar os negocios do jornal a meu cargo, negocios que não preveni por ignorar que hoje haveria reunião.

Releve-me V. Ex.ª esta falta involuntaria e creia-me sempre

com a maxima consideração e estima

Alfredo Gallis

*

Leu-se a acta da sessão anterior.

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA: — Pediu a palavra sobre a acta para declarar que, não tendo ouvido o áparte que se fizera na sessão anterior quando falara da Belgica, respondia agora a esse áparte. Disse que o theatro belga existia, citando como exemplo, o actor Dupuis que é belga e representa em Paris, e mostrando que na propria Belgica, peças ha representadas em flamengo.

O sr. JOAQUIM MIRANDA: — Declarou que o áparte fôra seu, porquanto tambem conhecia a Belgica e tinha ouvido representar nas duas linguas — francez e flamengo — mas que as peças n'este dialecto apenas eram exhibidas em theatros destinados ás classes inferiores. Que não havia o theatro escola, o theatro normal, o que, emfim, se chama o Theatro Nacional. Se s. ex.ª queria avançar que, por haver artistas belgas que representam na França, o Theatro Belga existia, o mesmo seria dizer que havia Theatro Brasileiro por terem já representado em Portugal alguns artistas d'aquella nação.

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA: — *E ha, sim senhor, ha litteratura dramatica.*

O ORADOR: — *A litteratura dramatica por si só não forma theatro desde o momento que não seja representada, mas essa mesma litteratura é tão pequena que não merece a pena de falar n'ella para este caso.*

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA: — Perguntou ao sr. Presidente se todas as empezas theatraes tinham sido convidadas para esta reunião.

O sr. GARCIA DE MIRANDA (*secretario*): — Affirmou que todas, excepto a do D. Amelia, porque só explora companhias estrangeiras.

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA: — Espraiou-se em considerações tendentes a provar que o theatro D. Amelia não explora exclusivamente companhias estrangeiras, que

tambem explora companhias portuguezas e que se com mais frequencia o não faz é porque sempre que o tem tentado, tem encontrado obstaculos para a sua realisação, e obstaculos extraordinarios como os de pedidos de ordenados fabulosos por parte dos artistas etc; que a empresa do theatro D. Amelia, primeiro que nenhuma outra, seria de justiça convidar porque dotou a cidade com um theatro modelo como nenhum outro havia ainda em Lisboa e que portanto pedia ao sr. Presidente e á assembléa que fosse convidada para qualquer outra reunião que houvesse de fazer-se.

Consultada a assembléa pelo sr. Presidente, esta approvou por unanimidade o pedido do sr. visconde de S. Boaventura.

Entrou-se na ordem do dia.

O sr. AUGUSTO MELLO: — Discursou largamente sobre a idéa do imposto, fazendo notar que elle não constituia uma excepção, mas bem pelo contrario era o Theatro Portuguez que estava collocado em circumstancias excepçionaes pelo abandono em que os governos o deixavam. Mostrou que em França é o proprio publico que é refractario a estrangeiros, até na litteratura, não accetando ainda os dramaturgos do norte. Pediu que a imprensa frisasse bem a circumstancia de que este movimento não partiu dos actores, porquanto elles não receiam as celebridades estrangeiras que aqui veem representar, porque nós tambem possuimos alguns artistas de real valor. Mandou para a mesa a seguinte proposta:

«Proponho que na representação ao governo se faça sentir que em toda a parte o Theatro é considerado e auxiliado, e portanto o que se pede não é excepção, pois excepção constituimos nós pelo abandono em que o governo deixa o Theatro.»

O sr. D. THOMAZ D'ALMEIDA: — Concordava com a idéa do imposto. incidindo sobretudo nas companhias de circo, mas preferia que primeiro se apresentasse ao governo um plano da reorganisação do nosso theatro.

N'este sentido mandou para a mesa a seguinte proposta á qual se associou o sr. Visconde de S. Boaventura retirando a que apresentára na sessão anterior:

«Proponho que seja nomeada uma commissão encarregada de elaborar um plano de organisação do theatro portuguez.

Lisboa, 16-6-95.

D. Thomaz d'Almeida.
V. de S. Boaventura.»

O sr. ANTONIO DUARTE DA CRUZ PINTO: — Discordava do imposto visto que elle ia agravar sobretudo uma classe numerosa e sympathica que era a dos musicos que tiram os seus melhores proventos das companhias d'operetta e opera comica que são d'ordinario estrangeiras.

VOZES: — Não se trata aqui d'isso.

O sr. LARA EVERARD: — Pediu que se passasse á discussão das propostas que estavam sobre a meza.

A meza e a assembléa julgando que a idéa do requerente era a de admittir á discussão as propostas, approvou o requerimento, mas vendo depois que o sr. Lara Everard desejava a primasia d'essas propostas, prejudicando o debate do projecto em discussão e que constituia a ordem do dia, manifestou-se contra.

Nesta altura entrou o sr. Lopes de Mendonça que immediatamente tomou o seu logar.

Depois de varias interrupções e ápartes decidiu-se continuar a discussão do projecto pois essa era unica e simplesmente a ordem do dia.

O sr. AUGUSTO MELLO: — Disse que foi para isso que todos vieram.

O sr. CARLOS BORGES: — Accrescentou que era d'isso que se tratava; approvassem-n'o ou regeitassem-n'o primeiro. Que se comtudo alguém tinha coragem de não o votar que não o votasse mas deixasse votar os outros.

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA: — Reeditou a sua argumentação dizendo que em França quem regula isso tudo é a Sociedade dos auctores que tem estatutos tão severos que até prohibe aos auctores dramaticos que cumulativamente são empregarios, fazerem representar nos theatros que dirigem, peças suas.

O sr. GARCIA DE MIRANDA: — Disse que não era assim; que Lemonnier no theatro da Republica era auctor e empregario ao mesmo tempo e guardava todos os seus direitos d'auctor.

O sr. D. THOMAZ D'ALMEIDA: — Novamente tambem explanou a sua idéa de que lhe não era antipathico o imposto mas como um capitulo de reorganisação futura no theatro e não isoladamente como base de qualquer outra coisa. Reduziu isto á seguinte proposta que mandou para a mesa:

«Proponho que seja nomeada uma commissão encarregada de elaborar um plano de reorganisação do theatro portuguez; que n'um dos capitulos d'esse plano seja incluída a tributação das companhias estrangeiras, incidindo essa tributação principalmente nas companhias de circo.

D. Thomaz d'Almeida Manoel de Vilhena.»

O sr. AUGUSTO DE LACERDA: — Requeveu que se desse a materia por discutida o que a assembléa approvou.

O sr. PRESIDENTE: — Póz á votação a generalidade do projecto que foi approvedo por 18 votos contra 3.

Estando a hora muito adiantada ficou para nova sessão a discussão da especialidade do projecto de representação e bem assim a proposta do sr. D. Thomaz d'Almeida.

ACTA DA 4.^a E ULTIMA REUNIÃO PREPARATORIA

Aos 18 dias do mez de dezembro de 1895, pelas 3 horas da tarde, estando reunidos na sala da redacção da *Revista Theatral* os srs. Abel Botelho (*Reporter*), Adriano Merêa, Alfredo Gallis (*Universal*); Antonio Duarte da Cruz Pinto (*Seculo*), Antonio Cardoso, Arthur Brandão (*Critica*), Augusto Antunes, Augusto de Lacerda, Augusto Mello, Augusto Rosa, Augusto São Boaventura (*Gazeta*), Carlos Borges, Carlos Posser, Collares Pereira, Eloy de Jesus, Francisco Costa, Gama, Ignacio, João da Camara (D.), João Rosa, Joaquim d'Almeida, Joaquim Miranda, Lara Everard (*Jornal do Commercio*), Leopoldo de Carvalho, Lopes de Mendonça, Marcellino Franco, Rangel de Lima Junior, Silva Pereira, Telmo Larcher, Thomaz d'Almeida (D.), Visconde de S. Boaventura (*Correio da Manhã*) e Garcia de Miranda, o sr. presidente Lopes de Mendonça, secretariado pelo sr. Garcia de Miranda, abriu a sessão.

Foram convidados e não compareceram nem se escusaram os seguintes senhores:

Antonio de Campos Junior, Augusto, Brito Aranha (*Diario de Noticias*), Bruno de Miranda (*Gabinete dos Reporters*), Casimiro Dantas (*Diario Illustrado*), *Commercio de Portugal*, *Correio da Noite*, *Diario de Noticias*, *Diario Popular*, Eduardo Brazão, Eduardo Garrido, Eduardo Schwabach, Ernesto do Valle, Ferreira da Silva, *Folha do Povo*, *Gabinete dos Reporters*, Gil,

Guimar Torrezão (D.), (*Illustrado*), João de Mendonça (*Diario de Noticias*), Joaquim Tello (*Novidades*), José Antonio do Valle, José Joaquim Pinto, Lino d'Assumpção, Lorjô Tavares (*Correio da Noite*), Machado Correia (*Novidades*), Manuel Barradas, Marcellino Mesquita, Mello Barreto (*Novidades*), Moura Cabral, Paiz, Pedro Cabral, R. Ferreira (*Dia*), Rangel de Lima, Salvador Marques, Santa Rita, Santos Junior (*Dia*), Sergio, Setta da Silva, Souza Vieira (*Tempo*), Taborda, *Tarde*, Theophilo Braga, Urbano de Castro, *Vanguarda*.

Para evitar equívocos que se teem dado sobre os convites feitos foram lidos na meza os nomes de todas as pessoas convidadas para esta reunião em numero de 78.

Em seguida passou-se á leitura da correspondencia seguinte:

*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Henrique Lopes de Mendonça.

Dig.^{mo} Presidente da Commissão (iniciadora da campanha contra as companhias estrangeiras):

Agradecendo penhoradissimo o amavel convite para a sessão de hoje, na séde da *Revista Theatral*, tenho a honra de participar a V. Ex.^a que por motivo de incommodo de saude não me é possível comparecer.

Justificada pois a minha falta involuntaria, subscrevo-me com a maior consideração e respeito

De V. Ex.^a att.^o ven.^o,

Lisboa, 18—12—95.

Alfredo Keil.

*

Meu querido amigo.

Peço-te que expliques a minha não comparencia por este motivo: tenho escripto sobre theatro accidentalmente apenas, e ha muito que não escrevo — em tal situação entendo que nada tenho que ver com a questão ventilada, muito mais que, como sabes, a minha opinião é adversa á de vocês.

Teu velho amigo,

«Novidades»—18—12—95.

Armando da Silva.

*

Meu excellentissimo amigo.

A' hora a que reúne a assembléa de que v. ex.^a é muito digno presidente, estou ainda preso com os meus trabalhos jornalisticos. Isto faz com que não possa comparecer na sessão de hoje e impede-me tambem de acompanhar os trabalhos da meza, visto que continua sendo essa a hora escolhida para as reuniões.

Peço pois, a v. ex.^a que se digne substituir-me como secretario.

Aproveito o ensejo para expressar a v. ex.^a a minha alta consideração, assignando-me com todo o respeito e estima

De V. Ex.^a

Att.^o Ven.^o e Obg.^o,

«Novidades»—18—12—95.

João de Mello Barreto.

*

Meu Caro Miranda.

Motivo de força maior, qual o da partida de meu cunhado Alfredo, nosso commum amigo, que hoje segue para uma estação nava! em Africa, impede-me, bem con-

tra vontade, de comparecer á reunião d'hoje cujo convite muito agradeço.

Ausente como serei, não deixo comtudo de acceitar as deliberações que se hão de resolver na assembléa que tu tão dignamente secretarias.

Crê na sincera estima e amisade do teu velho amigo

Dezembro, 18—95.

Carlos Santos.

*

Meus Caros Amigos.

Por me achar ha dias doente não tenho podido comparecer ás vossas reuniões.

Entretanto, seguindo de perto a discussão que ellas promoveram nos jornaes, parece-me que sobre o muito que a tal respeito se tem escripto, ainda se não disse tudo... e principalmente o que se deveria dizer, isto é: — que da vossa proposta ha a aproveitar muito para o levantamento da arte dramatica entre nós, arte que, se bem que hoje bastante adiantada, lhe falta ainda muito a caminhar, para ser um pouco do que é lá fóra a sublime arte de Talma.

Desculpem-me portanto a minha ausencia forçada e creiam-me

Affectuoso collega e amigo

18—12—95.

Eduardo Coelho.

*

Ex.^{mo} Sr. Presidente da commissão organisadora de diversos melhoramentos do Theatro Nacional.

Recebi o convite com que V. Ex.^a me honrou para assistir á reunião de hoje e sinto não poder comparecer pelo meu mau estado de saude.

Como não exerço a critica theatral nem sou auctor dramatico, nem pertença ao theatro, a minha presença n'essa reunião pouco ou nenhum valor teria.

Acerca da primeira reunião que se effectuou na séde da *Revista Theatral* tive occasião de dizer algumas palavras na correspondencia d'um jornal de provincia, elogiando a iniciativa dos muito esclarecidos directores d'aquelle *Revista*. Na mesma correspondencia expuz o meu parecer ácerca das companhias estrangeiras e permittame V. Ex.^a que aqui o repita pedindo a V.^a Ex.^a se digne perfilhal-o se o achar exequível e util para as numerosas familias que em Lisboa vivem unica e exclusivamente do theatro.

E' o meu voto que, com o auxilio do governo, se institua uma caixa de socorros para os actores inhabilitados por velhice ou por doença. Os actores desempregados poderiam receber um pequeno subsidio d'essa caixa de socorros bem como — se ella prosperasse — as viúvas pobres teriam a sua pequena pensão, que lhe minoraria o seu triste viver.

Para fundo permanente d'essa caixa concorreriam todos os theatros da capital com uma recita cada anno, podendo o governo dar lhe entre outros subsidios os 10 ou 15 por cento tirados ás companhias estrangeiras, que tanto damno fazem á classe dos actores portuguezes.

Para auxilio do cofre da caixa de socorros poderiam contribuir todas as emprezas e companhias theatraes de Lisboa com um por cento dos salarios e ordenados do seu pessoal bem como os auctores dramaticos dos seus direitos de auctor.

Como V. Ex.^a vê, a caixa de socorros não seria muito difficil de crear. Uma commissão mixta de actores e auctores dramaticos, poderia muito bem organizar o seu regulamento, e, — quem sabe — talvez as proprias companhias estrangeiras, auxiliassem directamente essa util instituição.

Ahi fica a lembrança. V. Ex.^a ajudará a levar-a á execução, se a achar conveniente.

Lisboa, 18-12-95.

Am.^o mt.^o admirador

A. X. da Silva Pereira.

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs.

Temos a honra de accusar a recepção do convite que a illustre commissão iniciadora da campanha contra as companhias estrangeiras se dignou endereçar a esta empreza para a sua 3.^a sessão que se deve realizar hoje, afim de serem votadas as conclusões dos seus trabalhos.

Agradecendo a V. Ex.^{sa} a honra do convite, pedimos licença para ponderar que o consideramos tardio, por quanto, nas sessões precedentes, de cujos trabalhos tivemos conhecimento pelas resenhas das folhas diarias, votaram-se já, em principio, idéas sobre as quaes não fomos ouvidos nem consultados, e por isso entendemos que a nossa comparencia a esta ultima reunião em nada poderá modificar ou annullar as deliberações tomadas, que, ao que parece, são inabalaveis no espirito de V. Ex.^{sa} Pedindo a V. Ex.^{sa} a fineza especial de inserir na acta dos seus trabalhos esta nossa declaração, somos com toda a consideração

Attentos veneradores

Guilherme da Silveira & C.^a

*

Lida a correspondencia passou-se á leitura da acta que foi approvada.

O sr. PRESIDENTE: — Em vista da escusa do primeiro secretario Mello Barreto, pediu á assembléa que nomeiasse um outro ao que esta se eximiu, entendendo que, para não demorar os trabalhos, elles poderiam seguir com um só secretario.

O sr. GARCIA DE MIRANDA: — Explicou que varios jornaes, e entre elles o *Correio da Manhã*, se mostraram menos exactos no *compte rendu* das reuniões. Por exemplo: disse-se que na sessão passada aumentara o numero de actores e diminuiu o dos auctores; ora isto parecia uma insinuação e portanto pedia licença para ler a lista dos convites que provava terem sido convidados indistinctamente pessoas por varias razões interessadas no assumpto.

O sr. CARLOS BORGES: — Concordou absolutamente, dizendo que havia um interesse qualquer em desviar a attenção do publico. Como o *Correio da Manhã* dissesse que a votação da generalidade do projecto se fizera em momento opportuno, via n'isso uma insinuação e pedia ao sr. Presidente que fizesse nova votação.

O sr. COLLARES PEREIRA: — Parecia-lhe que isto seria um mau precedente e era sua opinião que se não deviam revojar as decisões anteriormente tomadas.

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA: — Como representante do *Correio da Manhã*, declarou que não havia insinuação de especie alguma.

O sr. PRESIDENTE — Perguntou á assembléa se queria nova votação.

A assembléa manifestou-se da opinião do sr. Collares Pereira, approvando uma moção do sr. Abel Botelho assim concebida:

«A assembléa, mantendo integralmente as decisões tomadas, passa á ordem do dia.»

O sr. GARCIA DE MIRANDA: — Pediu a palavra em primeiro lugar para combater a proposta do sr. D. Thomaz d'Almeida, não na essencia, visto que o seu fim ali era unica e exclusivamente o levantamento do Theatro, mas a oportunidade. Discutiu largamente a conveniencia que havia agora de só pedir o imposto, pois que com certeza o governo, se lhe apresentassem primeiro o plano d'organização do Theatro, perguntaria d'onde viria a receita. Essa receita só podia vir do imposto; era, portanto, logico que por ali se começasse. Definuiu, n'esta questão, a sua situação de critico dramatico, declarando que se a assembléa recusar o ir já pedir o imposto, elle ficava com o direito d'exigir dos theatros que lhe dessem boas obras, bem interpretadas e rigorosamente postas em scena, porquanto

era evidente que se os interessados não iam immediatamente requerer a tributação, era porque não temiam a concorrência dos estranhos. Disse mais que em parte alguma se notava este favoritismo para com os estrangeiros. Citando uma phrase do sr. Augusto Mello acerca da litteratura do Norte, desenvolveu-a e demonstrou que em França os dramaturgos scandinavos são mal accetados pelo effeito pernicioso que produzem nos escriptores novos, fazendo-os perder as duas grandes qualidades da litteratura do sul: a concisão e a clareza.

O sr. CARLOS POSSER: — Fez largas considerações sobre o Theatro Portuguez e das suas relações para com o Estado, tratando da antiga contribuição do theatro normal, das reformas dos actores, do monte-pio, do Conservatorio, etc., pelo que se manifestou novamente da mesma opinião já exposta na segunda sessão.

O sr. PRESIDENTE: — Pediu aos oradores que abreviassem quanto possivel os seus discursos para evitar perdas de tempo e ultimar os trabalhos n'esta sessão.

O sr. AUGUSTO MELLO: — Repetiu o que já dissera na anterior sessão.

O sr. ALFREDO GALLIS: — Pediu que o tributo se estendesse tambem ao theatro de S. Carlos, não havendo razão para exceptual-o, porque justamente o seu publico era aquelle que melhor podia pagar e porque as suas companhias, sempre compostas de estrangeiros, só tinham, como portuguez, o empregario. A este respeito recebera uma carta do sr. Alfredo Keil, que circulara largamente na imprensa e para a qual chamava a attenção da assembléa.

O sr. AUGUSTO DE LACERDA: — Mandou para a mesa um additamento á proposta do sr. D. Thomaz d'Almeida concebido nos seguintes termos:

«Urgente:

Proponho que o projecto de representação seja enviado á commissão proposta pelos srs. D. Thomaz de Vilhena e visconde de S. Boaventura, afim de que ella o analyse devidamente, servindo de base á parte economica para o estudo a que ella deverá proceder para a organização do theatro portuguez.

Augusto de Lacerda.»

O sr. ANTONIO DUARTE: — Pediu licença para responder a uma phrase do sr. Posser a respeito dos musicos, declarando que estes se encontravam em situação mais precaria do que a dos actores porque só tinham tres mezes de trabalho durante o anno, ficando o resto do tempo a *apitar*...

O sr. COLLARES PEREIRA: — *Continuam no seu officio.*

O ORADOR: — ...que actualmente as irmandades...

O sr. A. de LACERDA: — *Agora tambem as irmandades vão protestar, querem ver?*

VOZES: — *Não temos nada com isso.*

O ORADOR: — *O que eu quero dizer é que os musicos não estão em circumstancias tão felizes como o sr. Posser disse.*

O sr. GARCIA DE MIRANDA: — Para reforçar a sua argumentação apresentou o exemplo da America do Norte onde Irving, Mounet-Sully e Réjane deram enorme prejuizo aos empregarios.

O sr. CARLOS POSSER: — Levantou-se para declarar e pedir aos jornalistas que o transmitissem ao publico, que não proferira a phrase que o sr. Antonio Duarte lhe prestava, pois não julgava os musicos mais felizes do que os actores, mas sim que aquelles gosavam d'uma protecção official que estes desconheciam; pois ainda ha pouco fóra pensionado para o estrangeiro um musico (o que applaudia) e só desejava que o mesmo se fizesse em relação aos theatros, mandando lá fóra um escriptor e um actor estudador do theatro estrangeiro e a organização do Conservatorio.

O sr. PRESIDENTE: — Declarou que se ia passar á votação das propostas.

O sr. MAXIMILIANO D'AZEVEDO: — Pediu um esclarecimento acerca da votação: se o que se ia votar era a proposta do sr. D. Thomaz d'Almeida na essencia ou a oportunidade d'ella.

O sr. AUGUSTO MELLO:—Propoz que a comissão fosse composta de cinco membros: um auctor, um critico, um empresario, um actor e um jornalista.

O sr. PRESIDENTE:—Disse que era justamente essa a intenção que havia.

O sr. CARLOS BORGES:—Quería que antes de se votar a proposta do sr. A. de Lacerda se soubesse o que se ia votar. Approval-a seria regeitar todo o trabalho já feito e, por consequencia, annular o projecto de representação, demorando, sabe Deus para quando, o fazer-se alguma coisa. Regeital-a era levar o projecto immediatamente ao governo e obter algum beneficio a favor das companhias portuguezas. Quería deixar isto bem explicado para que cada um soubesse o que votava e não pedisse depois responsabilidades a ninguem.

O sr. VISCONDE DE S. BOAVENTURA:—Pela terceira vez rememorou os seus argumentos contra o imposto, acabando por avisar os actores portuguezes de que, lançado esse imposto, o Brazil porá em execução o que n'aquelle paiz já está votado, mas não em pratica, sobre todos os artistas estrangeiros e que, n'essa qualidade, os actores portuguezes serão os que mais teem a perder com isso pela frequencia com que ali vão e pelos lucros que de lá trazem.

A proposta do sr. D. Thomaz d'Almeida foi approvada por unanimidade; e o additamento do sr. Augusto de Lacerda foi approvado por maioria. Em vista d'isto o sr. Presidente interrompeu a sessão por dez minutos para, que a assembléa podesse formular as listas com os nomes das pessoas que deviam compôr a comissão encarregada d'elaborar um plano d'organisação do Theatro Portuguez.

Reaberta a sessão, o sr. Presidente convidou para escrutinadores os srs. Visconde de S. Boaventura e Rangel de Lima Junior. Verificou-se que na urna tinham entrado trinta listas, sendo eleitos para a comissão, como membros effectivos os srs:

Eduardo Schwabach (auctor), 24 votos.
Augusto Rosa (actor), 24 votos.
Carlos Borges (empresario), 22 votos.
Collares Pereira (critico), 20 votos.
Urbano de Castro (jornalista), 19 votos.

e como supplentes os srs:

Lopes de Mendonça (auctor), 22 votos.
Carlos Posser (actor), 24 votos.
Salvador Marques (empresario), 19 votos.
Joaquim Miranda (critico), 19 votos.
Adrião de Seixas (jornalista), 18 votos.

O sr. AUGUSTO DE SÃO BOAVENTURA:—Apresentou as duas seguintes propostas que foram approvadas por unanimidade:

«Proponho um voto de louvor á redacção da *Revista Theatral*, pela propaganda justa, louvavel e patriótica a que se impoz, tal a de proteger a arte, os actores nacionaes e de levantar o theatro portuguez.

Augusto de São Boaventura.
(Da *Gazeta*)

«Proponho um voto de louvor á meza pela maneira distincta como sempre conduziu os trabalhos.

Augusto de São Boaventura.
(Da *Gazeta*)

O sr. ANTONIO DUARTE:—Disse que já tinha pedido a palavra com a mesma intenção, mas visto que fôra precedido fazia, em nome do *Século*, suas as palavras do sr. Augusto de São Boaventura da *Gazeta* e pediu um voto de louvor para a *Revista Theatral* pela maneira altamente desinteressada e imparcial porque trata todas as questões d'arte dramatica.

O sr. PRESIDENTE:—Agradeceu em nome da meza.

O sr. COLLARES PEREIRA:—Agradeceu em nome da *Revista Theatral*.

E não havendo mais nenhum assumpto a tratar, encerrou-se a sessão.

Como os nossos leitores vêem, não nos é possível, em vista do espaço que as actas nos occupam, alargarmo-nos hoje em considerações que entretanto não perdem por esperar.

As actas porém vão desde já reunidas e completas com todos os documentos de correspondencia, porque ellas, só por si, bastam para derrotar pela base todas as falsidades e calumnias engendradas sobre o que se passou nas reuniões da *Revista Theatral*.

CORRESPONDENCIAS

Do PORTO.—*Dezembro, 29.*

Se não fosse á noite o theatro, o Porto era a cidade de maior sensaboria que eu conheço.

A's 8 horas ahí vão os portuenses n'estas noites de inverno, cheios de frio, muito agasalhados, em differentes direcções para os theatros.

Não ha muitos, mas os sufficientes para esta capital.

A' semana as emprezas luctam com difficuldades em dar espectaculos, porque o publico não concorre, havendo dois motivos para isso bem justos;—1.º o meio que podia frequentar o theatro ser todo commercial e, como trabalha activamente durante todo o dia, ter pouca disposição, por isso, para o theatro; segundo o não ter havido peças que despertem a attenção e mereçam o sacrificio de se ouvirem.

Cada theatro tem o seu publico habitual, no qual se vê constantemente os *habitués*, jornalistas e os *claqueurs*... por consequente sempre as mesmas caras, os mesmos *toilettes*, o que torna monotonas, as mais das vezes, as salas dos espectaculos.

Observarei de relance, atravez do meu binoculo, o que se está passando dentro d'essas salas, principiando pelo theatro lyrico, o S. João.

E' o primeiro edificio que ha n'este genero com todas as condições essenciaes para ser sempre o primeiro theatro no Porto.

A elegante sala de spectaculo é pequena, mas o mais confortavel possível, profusamente illuminada e ostentan-

do as mais gentis e aristocraticas damas da sociedade portuense.

A sala, nas noites das *premières* apresenta um aspecto alegre e deslumbrante. Nas frisas e camarotes vê-se bonitas e luxuosas *toilettes* e joias de subido valor. No balcão de 1.ª ordem e nas cadeiras, bastantes senhoras em cabello e em maioria os homens de casaca e *smoking* sobresaindo os criticos com ares severos. Um silencio profundo espalha-se na sala, quando D. José Tolosa sentado na sua cadeira de regencia começa a manejar a batuta e attentos e anciosos esperam todos pelos primeiros accordes da symphonia.

*

Já se cantaram n'esta epocha as seguintes operas merecendo geral agrado:

Lucia de Lammermoor, *Rigoletto*, *Hebréa*, *Lakmé* e *Africana*.

Lakmé foi a ultima opera posta em scena na 1.ª serie, podendo dizer-se que a fechou com chave d'ouro.

Ha n'esta epocha artistas de incontestavel valor, como a prima donna Huguet, uma distincta cantora que veio occupar o primeiro logar.

A sr.ª Barberini que deu uma *Hebréa* muito rasoavel, a gentil contralto signora Aida Monteleone que debutou com agrado na *Lakmé*; Lucigniani, um tenor de primeira ordem que tem uma voz lindissima, que canta com muito sentimento e que se evidencia um artista na parte dramatica.

Tambem cá está novamente o festejado barytono sr. Tabuyo, que na epocha passada grangeou a sua reputação e tem tido largas expansões de entusiasmo.

Nicoletti um dos melhores *bassos* que nos ultimos tempos o Porto tem apreciado, é tambem um verdadeiro artista, com bella voz e apresenta-se distinctamente. De resto, artistas como as sr.ªs Miramar, Gardetta, Luisa Bonoris e os srs. Urbinati, Ercilla e Soldá que teem concorrido para o bom desempenho das operas que se tem cantado.

Na orchestra figuram professores consagrados, á frente dos quaes se destaca a sympathica figura do distincto maestro D. José Tolosa.

O corpo de baile é muito regular, por isso o palco não deixa de ser frequentado pelos amadores. . . .

Resta-nos duas palavras a louvar como foi posta em scena a *Lakmé*.

No delicioso *spartito* de Delibes, mereceu entusiasticos applausos a sr.ª Huguet. O tenor ligeiro Pércopo debutou n'esta opera, deixando as melhores impressões, peccando apenas pela sua voz pouco extensa. Está bem vestida, o que raras vezes se vê n'aquelle theatro, o scenario foi todo reformado, produzindo bonito effeito.

Será ouvido n'esta epocha o *Eurico*, de Miguel Angelo. Já principiaram os ensaios.

*

A companhia do theatro D. Affonso, não é má. O sympathico empresario sr. Thomaz del Negro tem-se esforçado tanto quanto pode afim de apresentar peças do agrado do publico.

O *Primeiro de Janeiro* lá continua a chamar *étoile* á sr.ª Mercedes Blasco. O que se ha de então chamar a artistas que mereçam essa honra ? . . .

Continúa em scena a zarzuela os *Guerrilheiros*, traducção esmerada do sr. Mariares da Silva.

A intelligente e sympathica actriz-cantora Medina de Souza tem n'esta peça um papel de grande responsabilidade, tanto na parte cantante como na dramatica, interpretando-o com muita correccão.

A festa artistica do estimado actor Torres foi muito concorrida, sendo no seu camarim muito obsequiado.

*

Theatro do Principe Real.—Ainda não vi o vaudeville-operetta *As doze mulheres de Japhet*, versão do sr. Lopes Teixeira, redactor do *Primeiro de Janeiro* e musica do sr. Cyriaco de Cardoso; afasto-me de fazer qualquer apreciação por não ter ainda visto esta peça.

Tem havido larga critica a ella por ser livre de mais. Parece que por isso não peccará . . .

*

Passarei ao theatro *Chalet*, peço perdão . . . da *Trinda-de*. Infelizmente, pelo facto de mudar de nome, não tem tido maior concorrência. Este theatrinho é o mais popular e é frequentado por esta classe.

A revista *O Zé n'um sarilho*, original do sr. Souza Rocha, do *Jornal de Noticias*, deve apparecer em scena por estes dias.

JOÃO PIMENTEL.



INVESTIGAÇÕES

OS PRIMEIROS JORNAES DE THEATRO DE LISBOA

(Continuado da pag. 355 do 1.º vol.)

II

Com o mesmo titulo com que Almeida Garrett havia fundado o seu jornal de theatros em 1837, appareceu em 1840 um outro. Denominou-se «O ENTRE-ACTO — *jornal de theatros*».

Este periodico deu muito que fallar na nossa sociedade *d'élite*, frequentadora do theatro de S. Carlos, e era lido com muito interesse todas as vezes que publicava o seu numero de domingo.

Vamos á sua parte historica

Em 1840, sendo empresario do real theatro de S. Carlos o faustoso capitalista Joaquim Pedro Quintella, 1.º conde de Farrobo e 2.º barão de Quintella, debutou n'aquelle theatro, na noite de 28 de junho, a famosa cantora Luiza Bocca-badatti com a opera *Lucrecia Borgia*, obtendo grande ovação. Boccabadatti era então considerada como uma das maiores cantoras do mundo

— talvez a segunda em recursos vogaes, porque a Malibrán já a esse tempo era morta ¹ a Catalani estava então já na sua decadencia de voz, e só Marietta Alboni é que a excedia.

Um mez depois da aparição da Boccabadatti no nosso theatro lyrico sahiu a *Revista Theatral*, com o firme proposito de queimar incensos á grande cantora e thuribular lhe a vaidade como actriz, como cantora e como mulher bonita. A *Revista* era redigida por Antonio Faria Chaves, implacavel inimigo da Barili, cantora ainda novel na scena lyrica, mas possuidora d'uma voz magnifica e de bom methodo de canto.

A Boccabadatti porém eclipsou-a. Os boccabadisttas eram em grande numero e nas noites de 26 de julho patearam Catharina Barili na opera *Marino*, pateadas que se repetiram nas noites de 23 e 25 d'agosto, apesar dos vinte e tantos bilhetes de platéa que os barilistas haviam distribuido para fazer suffocar aquellas manifestações, tidas, até certo ponto, como injustas e accintosas.

Barili chorou e esteve a ponto de quebrar a sua escriptura.

Foi n'esta conjunctura que appareceu o *Entre-acto*, cujo 1.º numero, datado de 30 de agosto de 1840, foi distribuido profusa e gratuitamente pelos theatros, cafés e casas de pasto. O *Entre-acto* vinha em defeza de Barili. Os seus redactores eram incognitos, como tambem anonymos eram os da *Revista Theatral*, mas em S. Carlos todos os conheciam. Eram elles: João Carlos de Freitas Jacome, grande adorador da Barili e José Maria da Silva Leal, que por vezes assignava os seus artigos com as iniciaes S. I.

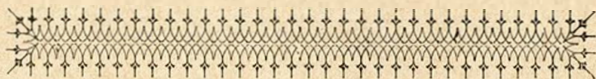
Entrados no campo do combate o *Entre-acto* e a *Revista Theatral* terçaram armas e travaram rija peleja, e podemos dizer que o novo jornal de Freitas Jacome não foi dos que n'essa lucha se confessou vencido. A corôa refulgente da Boccabadatti, se bem que gloriosa, já a esse tempo começava a empallidecer. Vinte e tantos annos de palco cançam a voz mais potente. A Barili sobrava-lhe a vantagem de ser nova e bastante formosa e portanto mais no caso de captar a sympathia da rapaziada.

Veiu então reforçar a *Revista* outro jornal in-

titulado a *Sentinella do Palco*, folha catita, bem impressa em papel de diversas côres e redigida pelos *dilletanti* Augusto Cezar d'Almeida, rapaz taful da boa roda, com excellente voz de tenor e muito entendido na arte d'Euterpe; João de Lemos Seixas Castello Branco, que assignava os seus artigos com as iniciaes J. L. e Paulo Midosi Junior, que firmava os seus escriptos com a sigla (M).

Continúa.

SILVA PEREIRA.



VARIEDADES

Uma do *Seculo* que não resistimos a transcrever :

«O *Grumete* continúa na sua carreira triumphante, graças um pouco á bella musica de Arrieta e muito ao desempenho vocal de Pretel e Cubas.»

Como reclamo é um... cumulo.

Diz-nos o *Aureneta* e o *Teatro Moderno* de Barcelona que Novelli teve de retirar d'essa cidade por não ter concorrência aos seus espectaculos.

Desferrar-se-ha de novo em Lisboa onde volta d'aqui a mezes. E' o bemparado dos comicos estrangeiros que vão perdendo dinheiro por esse mundo fóra.

Mais accrescenta o *Gazzettino dell'Arte Drammatica* que a Companhia de Novelli *non ha nel complesso nulla di notevole*.

E vejam...

Chueca, um dos compositores da celebre *Gran-Via*, tem actualmente outro grande successo no Apolo de Madrid. Titulo: *Las Zapatillas*.

Pretel, uma das tiples que está no D. Amelia, vem do Eldorado de Barcelona, onde teve com a empreza umas turras a troco de não lhe pagarem o ordenado de uns dias em que esteve doente. Como não lhe pagassem fugiu a Pretel, e como fugisse o empresario prendeu-a,

A Duse está actualmente em Copenhague. Sabe-se que a celebre actriz é refractaria á *interview*—mas os reporters de Copenhague inventaram toda a especie de *trucs* para obrigar a artista a falar. Um fez-se receber como creado do hotel onde a Duse estava hospedada e teve a honra de servir-lhe o jantar; outro disfarçou-se em sapateiro e foi tomar-lhe medida d'um par de botas; um terceiro serviu-lhe de cocheiro e, finalmente, tres dos mais endemoninhados, com auctorisação do director do theatro, fizeram o serviço de carpinteiros durante uma das representações. O mais engraçado é que a Duse, vendo-os desagitados no serviço, por varias vezes lhes aconselhou o trabalho a fazer.

Se não é verdade...

Na Comedia Franceza foi recebida por unanimidade uma nova adaptação do *Othello*. O adaptador é o poeta Jean Aicard. *Othello* será Mounet-Sully, *Desdemona* a deliciosa Bartet e *Iago* terá por interprete Le Bargy.

(1) Maria Felicidade Malibrán, falleceu em setembro de 1836.